

DOSSIÊ PEDAGÓGICO

SONS MENTIROsos MISTERIOSOS

de Sofia Dias e Vítor Roriz

Dança

1 a 22 abril 2022

Com o espetáculo *Sons ~~Mentirosos~~ Misteriosos*, Sofia Dias e Vítor Roriz partem à procura da qualidade mágica que emerge da fricção entre som e imagem. Pode uma imagem enganar a nossa perceção sobre a proveniência de um som? Ou um som mentir-nos sobre a sua origem? Um espetáculo que, tal como as crianças, não tem problemas em saltar de uma coisa para a outra, indo ao encontro daquela capacidade, por vezes adormecida, de transformar o concreto em algo mágico apenas pela “intensidade” do olhar.

Direção e cenografia Sofia Dias e Vítor Roriz

Interpretação Lewis Seivwright, Inês Melo Campos e Filipe Pereira

Apoio ao trabalho de Foley Nuno Bento

Som e figurinos Sofia Dias

Desenhos Ephedra aka Catarina Dias

Escultura Gonçalo Barreiros

Desenho de luz e construção de cenografia Nuno Borda de Água

Produção executiva Vítor Alves Brotas (Agência 25) e S&V

Coprodução LU.CA - Teatro Luís de Camões (Lisboa), Materiais Diversos (Cartaxo), Théâtre de la Ville (Paris), Teatro Nacional São João (Porto), Centro Cultural Vila Flor (Guimarães)

Residência de coprodução O Espaço do tempo (Montemor-o-Novo)

Residência Casa da Dança (Almada)

Escolas

1, 20, 21 e 22 abril: 10h30

Famílias

1 abril: 18h30

2 e 9 abril: 16h30

3 e 10 abril: 11h30 e 16h30

Conversa após o espetáculo

3 abril, 16h30

Sessão descontraída

10 abril, 11h30

Classificação Etária

M/3

Público Alvo

A partir dos 4 anos

Duração

40 min.

Temáticas de orientação curricular

Pensamento crítico e pensamento criativo Relacionamento interpessoal

Desenvolvimento pessoal e autonomia

Sensibilidade estética e artística

Consciência e domínio do corpo

PROPOSTA DE ATIVIDADES

A partir do espetáculo de dança *Sons ~~Mentirosos~~ Misteriosos*, de Sofia Dias e Vítor Roriz, o LU.CA – Teatro Luís de Camões propõe - a professores e educadores - atividades que podem ser desenvolvidas depois do espetáculo. Esta ficha pedagógica pretende ser uma ferramenta crítica e criativa para desenvolver processos de relação, exploração e apropriação da obra apresentada. Uma vez que o assunto poderá ser tratado com abordagens diferentes consoante as idades, aconselhamos que adaptem estas sugestões:

1º - Mapa de Sons

A imaginação das crianças é livre, elástica, sem pudores, com capacidade para transitar do concreto para o abstrato, e é isso que propomos nesta atividade. Seguindo o exemplo do que é mostrado no espetáculo, convidamos-vos a criarem um Mapa de Sons.

Num quadro, juntem objetos com “sons homónimos”.

Por exemplo:

- Som das luvas de borracha, quando abanadas = Som das asas de um pássaro;
- Som da fita de cassete, quando abanada devagar = Som do crepitar do fogo e dos passos nas folhas secas;
- Som de um saco de plástico, quando amachucado = som da chuva ou de um rádio;
- Som de um rato de computador, quando lhe carregamos continuamente = som do tic tac do relógio;
- Som de uma folha, quando lhe passamos a mão rapidamente = som de um comboio;

Enquanto montam o mapa, poderão convidar as crianças a manipular o objeto. Depois, orientando-as, irão descobrir em conjunto que som concreto corresponde a que som abstrato. Se o Mapa de Sons for criado com crianças mais velhas, já do 1º ciclo, poderão substituir a manipulação dos objetos pela gravação do som: identificando o som abstrato, peçam-lhes para pensarem qual será o som concreto. No final, convidem-nas a encontrar outros “sons homónimos”.

2º - Dança

1º parte – O que é a dança? (algumas perguntas para começar)

Perguntas que podemos relacionar com o «Sons Mentirosos»:

- O que é dançar?
- Quem cria a dança que vemos em palco?
- A dança pode existir sem uma coreografia?
- O que é uma coreografia e um coreógrafo?
- O que é um bailarino?
- Os coreógrafos também dançam? E, por outro lado, os bailarinos também criam coreografias?
- A dança só é dança quando é mostrada num palco?
- A dança tem que ser bonita e graciosa, ou pode ser também feia e assustadora?

2ª parte – O que eu entendi com o *Sons Mentirosos*?

Perguntas que vos gostaríamos de fazer e que nos deixam curiosos:

- Qual foi, para vocês, a coisa mais importante do espetáculo?
- Sobre o que falava o espetáculo?
- O que aprenderam com ele?

3ª parte – Mimetizar os movimentos observados em palco

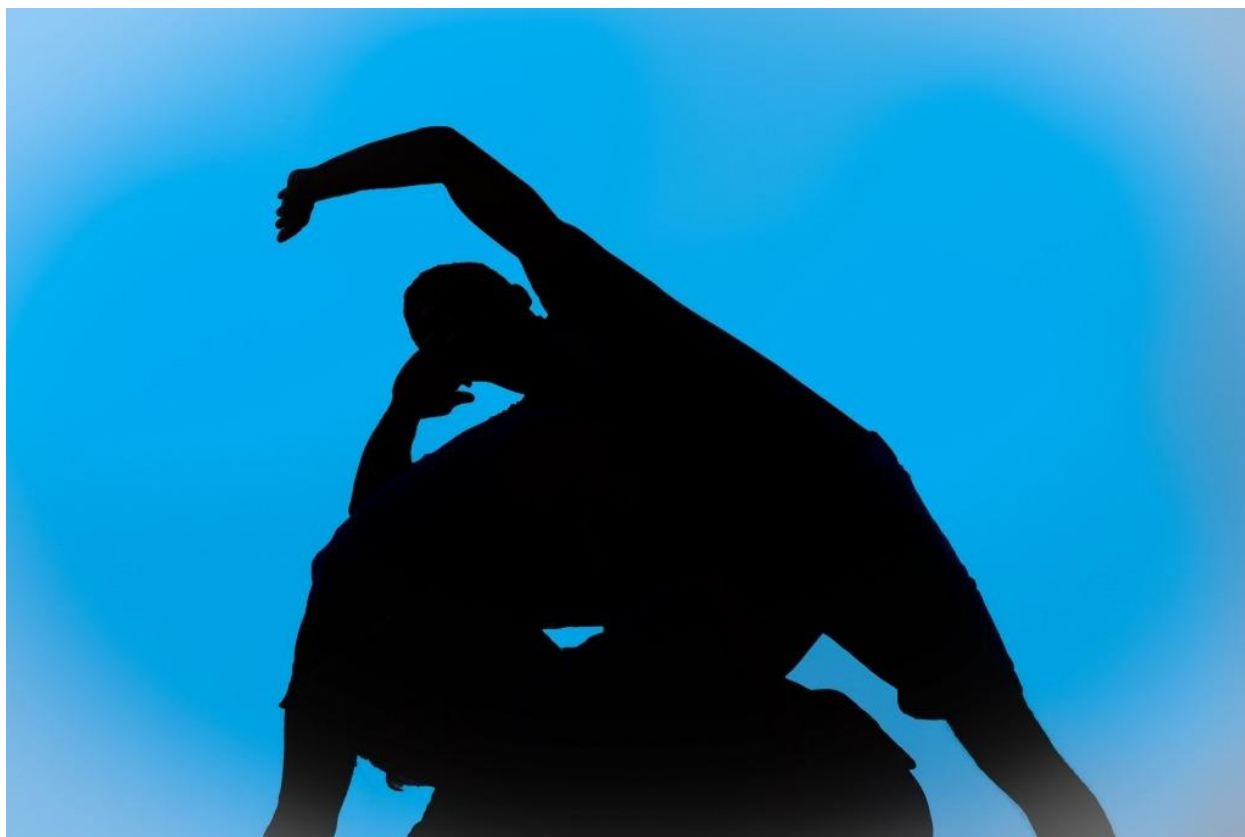
Sugestão: Recordar os movimentos dos bailarinos e pedir às crianças que mimetizem, livremente, os movimentos que se lembrarem. Tentar criar uma coreografia simples, com esses mesmos movimentos

3º - Debate

Este espetáculo não tem palavras nem começa com um “Era uma vez...”:

- Sentiste falta das palavras?
- Os sons, os desenhos e os movimentos fizeram-te lembrar alguma coisa? O quê?
- Numa história com palavras costumamos imaginar os movimentos e os sons? E numa história com sons e movimentos consegues imaginar as palavras?
- Se houvesse palavras, havia espaço para imaginar?
- Também aprendemos com sons, desenhos e movimentos? Ou, só podemos aprender com os livros e dentro da sala de aula?

Por fim, os livros da Sofia Dias e do Vítor Roriz que escolheram vários livros que orbitam à volta do espetáculo *Sons Mentirosos Misteriosos*



***Esqueci-me como se chama*, de Daniil Harms. Ilustrações de Gonçalo Viana, BRUAÁ**

A primeira coisa que fizemos quando começámos a ensaiar foi ler este livro. Gostámos especialmente do carácter absurdo e imprevisível destas breves narrativas de Daniil Harms. Num dos contos, um detalhe torna-se mais importante do que aquilo que parecia ser o essencial, noutro somos surpreendidos por uma mudança brusca e inesperada de direção da história e noutro sentimo-nos quase enganados pelo modo como a história acaba. Este estilo sinuoso de Daniil foi algo que tentámos trazer para a nossa peça mas sem recorrer à palavra.

***O pássaro da cabeça*, de Manuel António Pina. Com imagens de Ilda David', Assírio e Alvim**

Se nos perguntassem sobre o que é a nossa peça, diríamos que é sobre “o pássaro da cabeça”. O pássaro é o animal que o Manuel António Pina escolhe para falar da imaginação. E não há dúvida que há algo na simplicidade de um pássaro a voar que tem muito que ver com a simplicidade de um corpo a imaginar. Na nossa peça também há um pássaro, mas precisamos da vossa imaginação para o fazer voar. E também vamos precisar da vossa imaginação para vermos uma criatura a caminhar à beira de um lago.

Oh! Um livro com sons, de Herve Tullet, editorial Presença

Há livros com pilhas e que dão música quando tocas nos círculos ou botões. As pilhas desses livros gastam-se passado muito pouco tempo e em vez de uma melodia, comesças a ouvir uns ruídos estranhos que parecem vir de um outro planeta. Um dia haveremos de fazer um concerto com os ruídos desses livros de pilhas gastas. Mas este “Oh! Um livro com sons” dá música sem precisar de pilhas. Aliás, tu é que crias música enquanto carregas nos círculos desenhados nas páginas do livro. É um livro que é como uma partitura musical que pode ser interpretada sem se conhecer notas musicais.

Na nossa peça também temos várias partituras, mas de movimento. Em vez de círculos vermelhos, azuis, oh’s e ah’s temos movimentos e gestos. Tal como nas partituras musicais, também no nosso espetáculo há momentos rápidos e outros mais lentos, há crescendos e diminuendos, cânones e uníssonos. Uma das nossas partituras chama-se “vaivém”: irás perceber imediatamente qual e porquê.

Este Livro Está a Chamar-te (Não Ouves?), de Isabel Minhós Martins. Ilustração de Madalena Matoso, Planeta Tangerina

O que gostamos neste livro é o apelo que faz à nossa imaginação e a sua relação com o som. Em alguns momentos tens de imaginar um som que não existe (seria tão interessante encontrarmos as palavras para descrevermos estes sons imaginados) e noutros tens de usar os teus dedos para fazer os sons de um tambor ou da chuva. Uma pessoa prática diria “isso são só uns dedos a bater na página de um livro”, mas nós, pessoas com pássaros na cabeça, vemos através desses sons aquilo que quisermos. É essa a simplicidade de imaginar que Manuel António Pina fala no seu livro. Com muito pouco imaginamos tudo. É essa a simplicidade que também procuramos ter neste espetáculo.

Fim? Isto não acaba assim, de Noemi Vola, Planeta Tangerina

Para nós, é sempre muito difícil encontrar o FIM de um espetáculo. Porque enquanto não se põe um FIM parece que podemos continuar a pesquisar e a procurar coisas novas. Mas também porque uma vez encontrado o FIM já não olhamos para o INÍCIO da mesma forma. Isto é, do FIM, o INÍCIO parece sempre diferente, não só porque está longe – e sabemos como as coisas ao longe nos parecem pequenas – mas porque o INÍCIO adquire outro sentido ao sabermos como acaba. Uma confidência: no momento em que escrevemos estas palavras, a alguns dias da ESTREIA, ainda não fazemos ideia de como é que irá acabar o espetáculo, ainda não encontrámos o seu FIM.

Bom trabalho e até breve!

P.S: Enviem-nos a vossa opinião sobre estas fichas pedagógicas para podermos melhorar o seu conteúdo. Obrigada!

LU.CA Teatro Luís de Camões
Calçada da Ajuda, 80
1300-015 Lisboa
escolas@lucateatroluisdecamoes.pt